UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LÚCIA RAPUCCI GONZALEZ

“NASCER, CRESCER, TORNAR-SE PROFESSORA”.

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LÚCIA RAPUCCI GONZALEZ

“NAS CER, CRESCER, TORNAR-SE PROFESSORA”.

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
- Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-
requisitos para a conclusão da Licenciatura em
Pedagogia.

CAMPINAS

2005

Ao meu marido e meus dois
filhos: Leonardo e Gabriel

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO, EM PRIMEIRO LUGAR A DEUS, POIS SEM ELE EU NÃO ESTARIA NESSE MOMENTO CONCRETIZANDO ESSE TRABALHO, E PERCORRENDO MAIS ESSA TRAJETÓRIA DE VIDA QUE ME FOI DESTINADA.

AO MEU MARIDO E AOS FILHOS, QUE TIVERAM QUE ABRIR MÃO DA MINHA DEDICAÇÃO E ATENÇÃO DURANTE O TRANSCORRER DESSE CURSO, EM MUITOS MOMENTOS, PRINCIPALMENTE PARA A REALIZAÇÃO DESSE TRABALHO FINAL. SEI QUE PRINCIPALMENTE MEU MARIDO É CAPAZ DE ENTENDER O QUANTO FOI E É IMPORTANTE ESTE MARCO NA MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E O QUANTO ME AJUDOU A CRESCER FAZENDO A DIFERENÇA E CONCRETIZANDO UM IDEAL. MEUS FILHOS AINDA PEQUENOS, NO FUTURO SABERÃO ENTENDER: “QUE NA VIDA NADA É FÁCIL, E AS GRANDES CONQUISTAS, NECESSITAM DE GRANDES SACRIFÍCIOS”, QUE LUTEI MAS, VENCEMOS “JUNTOS”.

OBRIGADA POR INCENTIVAR, APOIAR E ACREDITAR EM MIM.

A TODAS AS PESSOAS QUE DE FORMA DIRETA OU INDIRETA, PRESENCIARAM E INCENTIVARAM MINHA CAMINHADA: FAMILIARES, AMIGOS, COLEGAS DE TRABALHO, PROFESSORES E PRINCIPALMENTE ÀQUELES QUE ACREDITARAM, APOIARAM E TRABALHARAM NA VALIDAÇÃO DESSE CURSO.

À PREFEITURA DE CAMPINAS E À UNICAMP.

ÍNDICE

I – APRESENTAÇÃO.....	01
II – MÚSICA AQUARELA.....	05
III – O QUE É A MEMÓRIA.....	07
IV – AS MARCAS DA HISTÓRIA.....	09
V – A PRIMEIRA SÉRIE.....	15
VI – O GINÁSIO.....	19
VII – O SEGUNDO GRAU E O MAGISTÉRIO.....	21
VIII – A ESCOLA.....	23
IX – O INGRESSO NA PREFEITURA DE CAMPINAS.....	24
X – O CURSO PROESF.....	25
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXOS:	
ANEXO 1.....	29
ANEXO 2.....	31
ANEXO 3.....	33

I - APRESENTAÇÃO:

Com este trabalho me proponho a escrever fatos presenciados durante toda a minha vida, bem como discorrer sobre a influência das leituras e do próprio curso de Pedagogia, na minha trajetória pessoal e na minha prática pedagógica, fazendo elos de ligação, pois caminharam sempre lado a lado, se completando e se construindo.

Início usando como referencial a música “Aquarela”, de Toquinho, que vai permear a natureza infantil e colorida do lápis de cor, dos traços e formas que dão vida e movimento aos desenhos e à infância, fase presente na vida de todos nós, que com saudades lembramos dos bons tempos que não voltam mais.

Procurei definir a Memória e Memorial de Formação, utilizando um desenho infantil, discutindo o que difere a memória do adulto e da criança, suas formas distintas de expressão.

Descrevo um pouco sobre o papel da mulher na nossa sociedade atual e na conservadora, contrapondo dois papéis; o de “mãe e professora”, discutindo se são natos na mulher, ou construídos, e no como no decorrer da vida fui me constituindo professora.

Utilizei-me de um texto, com o qual me identifiquei, por se tratar da história de uma pessoa que trazia no seu corpo e interior, marcas que foram construindo sua identidade e suas memórias.

Esclareço que não frequentei a Educação Infantil, e comecei minha vida escolar na primeira série. Comparo a denominação e conotação da época sobre esse tipo de educação, sua importância, seu papel na sociedade atual, e a visão de “infância”.

Faço uma crítica às políticas públicas atuais, quanto à obrigatoriedade da criança de seis anos passar para o ensino fundamental e não mais permanecer na Educação Infantil. Fazendo alguns questionamentos, quanto a essas reformas, e procuro refletir, e levar à reflexão os leitores e ou leitoras deste memorial.

Ao falar do primário, conto que repeti a primeira série e o quanto isso me marcou, relato sobre as rotulações e preconceitos que sofri quando fui colocada numa classe especial e o quanto pude praticar o exercício de me colocar no lugar do outro, ao lembrar essa passagem.

Superada essa experiência, relato as boas influências das professoras do primário. Descrevo sobre a educação tradicional da minha época de primário (1975), que se baseava na concepção de Durkheim e me utilizo da linha de pensamento do educador Paulo Freire que condiz com a minha opinião. Exemplifiquei esse tipo de educação conservadora com um texto que utilizo em reunião de pais, que descreve um garotinho, que vai para a escola cheio de criatividade e ansiedade, mas que encontra uma professora que domina e controla seus alunos, estabelecendo quando e como fazer. Ao mudar de escola ele encontra uma professora diferente da primeira, que respeita seus alunos, dando liberdade de escolha; mas o garoto só consegue reproduzir e obedecer ao condicionamento que lhe fora imposto. Discuto sobre como nossas marcas podem ser positivas ou negativas sobre nossos alunos.

No ginásio descrevo minha personalidade tímida. Na adolescência, frustrações e preconceitos, relacionados ao físico. As aulas de Educação Física: a tortura. Somente exercícios que visavam a competitividade, reforçando o individualismo e a exclusão.

Pablo Gentili me reforça a existência de vários tipos de exclusão, que muitas vezes nos são ocultas aos olhos. Surpreendi-me com uma concepção de Educação Física

diferente; no último semestre da faculdade, a Ginástica Geral, desmistificando essa idéia ruim, baseada no respeito à individualidade e potencialidades. No final do ginásio o primeiro sonho: cursar a Escola Normal Carlos Gomes, enfrentei mais uma frustração, pois não passei no vestibulinho; mas não desisti e consegui entrar no segundo ano. Passei por dificuldades junto a uma amiga especial, mas superei. O magistério foi me ajudando a começar a enxergar essa engrenagem complicada que é a escola e o seu funcionamento, os estágios foram decisivos para a minha opção de faixa etária favorita, “a educação infantil”. Eu já trabalhava em “escolinha” particular, vivenciava a teoria e a prática. Formei-me e continuei trabalhando, vieram os desafios, angústias e inquietações. Como fala o texto de Miriam Celeste Martins, sobre os tipos de concepções, posturas e atitudes do professor. Faltava ainda mais suporte, a universidade estava distante pelas condições financeiras, pois o salário nesse tipo de escola pequena e em início de carreira é desmotivante, quase um regime de escravidão, em troca de um pouco de experiência.

Passei por substituições no Estado e na Prefeitura, até prestar o concurso da Prefeitura e me efetivar. Com a LDB, veio a obrigatoriedade do curso universitário e com ela muita preocupação; mas foi criado o projeto do curso do Proesf, um trabalho conjunto com a Unicamp, e as redes de educação de Campinas e as Regiões Metropolitanas, que veio oportunizar , aos professores em sala de aula, um aperfeiçoamento, aprofundamento e troca de ricas experiências entre várias realidades e regiões, que contribuíram para uma reflexão crítica sobre o nosso trabalho, nossos alunos, nossas escolas, e sobre a nossa sociedade. Passando pela História da Educação até os dias atuais foram fornecidos dados que ajudaram a me constituir e reafirmar o que sou, o meu papel e a importância dessa reconstituição na procura de uma melhor qualidade de educação. Os sacrifícios e desafios, enfrentados não

foram poucos, mas eu acredito que são das grandes dificuldades enfrentadas na vida é que tiramos as grandes lições de aprendizado.

“Somos o que fazemos, mas somos principalmente, o que fazemos para mudar o que somos”.

Eduardo Galeano

II -AQUARELA - TOQUINHO

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Com o lápis em torno da mão eu me dou uma luva
E se faço chover com dois riscos, tem um guarda chuva.

Se um pinguinto de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando contornando a imensa curva norte-sul
E com ela viajando Hawai, Pequim e Estambul

Pinto um barco a vela branco navegando
É tanto céu e mar num beijo azul
Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo com suas luzes a piscar

Basta imaginar e ele está partindo sereno e lindo e se a gente quiser,
Ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma América a outra eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

O menino caminha e caminhando chega no muro
E aí logo em frente a esperar pela gente o FUTURO está
E o FUTURO é uma astronave que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.

Sem pedir licença muda a nossa VIDA e depois convida a rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe, conhecer ou ver o que virá.
O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar

Vamos todos numa linda passarela de uma aquarela que um dia enfim...
Descolorirá...

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo que
Descolorirá...

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo que
Descolorirá...
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo que
Descolorirá...
Giro um simples compasso
Num segundo eu faço o mundo que
Descolorirá .....

III – O QUE É A MEMÓRIA.

Infância: “Irmão, vizinhos, parentes”.

“Lápis, papel, lousa, giz colorido, aquarela”.

“Brincar, cuidar, ensina”...

Para mim representam marcas construídas no subconsciente, que são armazenadas e guardadas na mente.

Olhar para o passado mas com os olhos do presente.

Pensar, voltar o vivido refletindo o que ainda há para se viver.

Buscar no passado a chave do presente para que se possa abrir a porta do futuro.

A memória de um computador pode ser perdida ou apagada, mas a do ser humano, é construída e só se apaga no fim da vida.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: Retornar ao passado, relembrar momentos passados, guardados, mas nunca esquecidos, somente adormecidos, da infância, da vida, da formação. A história vivida seja passada ou presente, nos revela fragmentos da vida. Para nós adultos, isso se dá com as pequenas lembranças, fazendo-nos relembrar e reconstruir na memória, tudo o que fora vivido, já a criança, ao traçar os primeiros riscos num papel, colorindo ou mesmo rabiscando, cria e dá vida aos seus personagens, geralmente expressando a sua maneira de ver e sentir o mundo, viajando no imaginário, dando nomes e significados que são invisíveis aos nossos olhos, dependendo da sua faixa etária, mas que pra ela são claros, e, com um simples toque da borracha, da tinta ou do lápis, ela pode re significar ou modificar seu desenho, criar outros personagens, voltando a traçar novamente, como retrata a letra da música de Toquinho. É o que quero mostrar com o desenho do Leonardo, que ao ouvir a música foi construindo no papel, resgatando em suas lembranças de vivências e com seus conhecimentos prévios, o que a música lhe sugeria. Dos traços foram surgindo figuras e personagens que, ao colorir, foi lhes dando vida e significado.

A música “Aquarela” representa o movimento deste Memorial, os caminhos, desafios, frustrações e alegrias enfrentadas durante esta minha construção pessoal e profissional. Fui colorindo e descolorindo e, voltando a desenhar, os erros me ajudaram a acertar, as leituras,

estudos e reflexões neste curso de Pedagogia, ajudaram-me a transformar o modo de pensar e a melhorar. Assim vou desenhar, colorir e voltar a desenhar.

“O que somos é um presente da vida para nós”.

“O que nos tornamos é um presente que damos a nós e a vida”.

Paulo Freire

IV - AS MARCAS DA “HISTÓRIA” E DA MINHA HISTÓRIA DE VIDA.

A Antiguidade demonstra uma sociedade, onde à mulher cabia o papel de casar-se, servir ao marido, ter filhos e cuidar das tarefas domésticas. Mais à frente com o passar do tempo e da história, o único emprego aceito para a mulher era o de professora, pois segundo a concepção da época, eram funções natas do sexo feminino, assim como ser mãe, ou seja, eram consideradas “anormais” as que não se enquadravam neste padrão pré-destinado à mulher. Com o passar do tempo a mulher foi redefinindo o seu papel na sociedade, foi se construindo devido às suas próprias necessidades e as da sociedade, foi ganhando o seu espaço pessoal, profissional e intelectual, tendo o direito de traçar suas próprias escolhas e decisões quanto a casar-se, ter filhos ou trabalhar; situações antes impostas.

Com a Modernidade a mulher tem o direito de escolha da profissão que mais lhe agrada; mas isso não quer dizer que sempre consiga exercê-la, essa já é uma outra história, econômica ou de oportunidades de mercado, mas já conquista espaços, que até então só eram atribuídos aos homens.

Apesar de considerada moderna ainda temos uma sociedade machista, herdada de sociedade conservadora, que ainda menospreza a capacidade da mulher, discriminando-a muitas vezes no seu trabalho e no próprio salário. E, se diante de estudos demonstrados pela história de acordo com o que foi visto na disciplina “Educação da criança de 0 a 6

anos”, o instinto materno não é pré determinado, o que pensar da profissão “professora”? Será que já nascemos professoras?

Minha história demonstra uma ligação muito forte com crianças, presente em minha vida desde pequena; uma preferência, que foi se desenvolvendo, mostrando caminhos, traçando o meu futuro, minha identidade e se construindo passo a passo, pedacinho, por pedacinho, como no texto “A Pedra Arde” do autor Eduardo Galeano, trabalhado na disciplina Multiculturalismo e Diversidade Cultural, com o qual me identifiquei. O personagem carrega as marcas físicas e interiores de sua história vivida, que foi demarcando um caminho de sonhos, luta e esperança, e este, mesmo diante de uma oportunidade que lhe é oferecida como gratidão por um garoto, para transformá-lo fisicamente em mais jovem, se recusa, fazendo questão de não esquecer nem apagar da memória suas marcas, uma vez que teria que deixar para trás o que vivera.

Eu até tentei mudar de caminho: como telefonista, recepcionista; vivenciar outras experiências, mas me frustrei e tomei o caminho de volta, com segurança do que eu queria.

Essa forte ligação com o universo infantil e o magistério foi construída sem estímulo familiar, uma vez que meus pais não tiveram muita oportunidade de estudos; eram filhos de pessoas simples, descendentes de italianos que viviam na roça, e a única escola que tiveram foi a da vida ou como eles diziam “da lida na roça e do pasto”, herança passada de pai para filho. Meu pai conta que havia poucas escolas, concentravam-se na cidade, e o horário da escola, não permitia que eles estudassem, pois era o horário de trabalho no campo e a ajuda no sustento da família vinha antes do aprender. Assim percebo que naquela época, por volta de 1943 a escola já não era para todos e as oportunidades prevaleciam para as famílias mais privilegiadas de poder econômico, enquanto que os que tinham menos,

permaneciam nas mesmas condições, sem chances de crescimento, perpetuando uma sociedade de excluídos, como refleti nas discussões e estudos durante a aula de História da Educação no primeiro semestre.

Acredito que fui influenciada a ser professora pela convivência com os primeiros professores, principalmente de primário, pois não frequentei o parque infantil, (na minha época era esta a designação da escola de Educação Infantil). Eu chorava muito no parque infantil e a professora Julieta (apesar do pouco tempo que fiquei, acho que uma semana, ainda lembro o nome) era muito atenciosa, mas minha mãe acabou desistindo, pois ainda não se trabalhava em 1974 o período de adaptação da criança na escola, bem como a adaptação da escola para a criança, como hoje, quando preparamos a escola para recebê-la e fazemos adaptações de horários para filho e mãe permanecerem e se adaptarem juntos à nova vivência, tornando esse período da vida da criança menos doloroso, como foi trabalhado na disciplina Educação da criança de 0 a 6 anos.

Nesta época, em 1974, não era muito comum a criança frequentar o parque infantil; geralmente ficava em casa com a mãe e irmãos, principalmente porque as mães não trabalhavam fora, tanto quanto hoje que as necessidades são outras e as crianças acabam adotando a escola de educação infantil como sua casa, tanto no que se refere aos cuidados, atenção, educação quanto ao fato de ser muitas vezes o único local para principal alimentação; como foi trabalhado na disciplina Pedagogia da criança, e constatado na minha prática, na realidade da escola em que trabalho.

Hoje a educação infantil, tem se expandido no Brasil e no mundo de forma crescente nas últimas décadas. Acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura

das famílias, passou por um processo de transição e resignificação, priorizando a infância, respeitando os direitos, priorizando as necessidades e características próprias, e é repensada como um espaço de aprendizagem lúdica, significativa, espontânea e natural, conforme a Lei 9.394, LDB, promulgada em dezembro de 1996, e na criação do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil em 1998, assim como no documento “Currículo em Construção” da Prefeitura de Campinas.

Eu considero essa fase da vida escolar, compreendida de 0 a 6 anos, a mais importante e rica em vivências, um passaporte para as outras fases escolares, pois é nessa fase que a criança desenvolve todas as suas potencialidades, experimentando, pesquisando, questionando e descobrindo o mundo.

A Educação Infantil propicia um ambiente onde a criança brinca ao mesmo tempo em que aprende, construindo seus conhecimentos; diferente do que se ouve dizer: “É um local para se deixar crianças, um depósito de crianças, onde elas só brincam”. Depende muito da compreensão de cada um do que é o brincar e do quanto isso é importante no desenvolvimento da criança.

Há algum tempo atrás era essa a visão do trabalho com Educação Infantil, mas eu luto para que essa idéia mude, principalmente demonstrando como é o meu trabalho com as crianças, frente aos pais dos meus alunos. Isso tem tido resultados positivos, pois os pais se conscientizam do trabalho, passando a apoiar o professor, e não mais cobrar pela quantidade de atividades realizadas, ou pastas repletas de papéis com atividades conteudistas. Desta forma os pais passam a perceber a importância da aprendizagem significativa através do ato de aprender brincando. Isso foi estudado na disciplina Pedagogia da criança de 0 a 6 anos, reforçando o trabalho que já realizo.

Essa conscientização de como se dá o trabalho com a Educação Infantil acontece todo ano, a cada nova turma de alunos, e posso dizer que já o realizo há 13 anos, pois é o meu tempo de trabalho na Prefeitura Municipal de Campinas só com Educação Infantil.

Com os estudos, reflexões, discussões e leituras realizadas em cada disciplina durante este curso de Pedagogia, pude contar com um suporte teórico de essencial importância para o processo de análise e reconstrução da minha prática docente, mostrando o quanto eu estava alienada frente a muitos conhecimentos e o quanto a atualização do professor faz a diferença e modifica o olhar e a atuação docente. Esse processo de análise e reconstrução é doloroso, pois muitas vezes entrei em conflito com os textos e comigo mesma, chegando a discordar e desacreditar de tudo o que eu até então praticava e acreditava. Mas como dizia a professora de História da Educação, é preciso tirar os véus e recomeçar esse novo olhar, e começar a mudar. Não quero ser como a planta destituída de seu habitat, como a das palavras de Rubem Alves (1982):

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão: é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. Profissões e vocações são como plantas. Vicejam e florescem em ninhos ecológicos, naquele conjunto precário de situações que as tornam possíveis e - quem sabe? - necessárias. Destruído esse habitat, a vida vai se encolhendo, murchando, fica triste, mirra, entra para o fundo da terra, até sumir. (Rubem Alves, 1982)

Ao voltar a falar da Educação infantil, já deve ter ficado claro o quanto defendo e valorizo o trabalho com essa faixa etária, pois é a minha vida, meu referencial profissional, e como já disse anteriormente, minha paixão.

Atualmente critico e questiono o direito da criança em permanecer mais um ano na educação infantil, pois nossos políticos, a partir do ano que vem, querem tornar obrigatória a passagem da criança de 6 anos para o ensino fundamental, fazendo falsas promessas de

criação de um currículo diferenciado. Será que só isso é suficiente? E as adequações de espaços físicos? E os profissionais que irão trabalhar, terão formação para essa idade? E o brincar estará presente? Ou vai acontecer o que já está acontecendo; crianças enfileiradas, sentadas o tempo todo da aula, uma atrás da outra, carteiras maiores que elas, desmotivadas pedindo para ir ao parque? E os pais que se quer têm o direito de opinar se querem ou não? Isso me revolta como mãe e professora, uma vez que, como já escrevi, defendo a bandeira da Educação Infantil e o respeito por essa criança para que possa frequentar e aproveitar esse espaço que foi conquistado por ela e para ela.

“Professor bom não é aquele que dá uma aula perfeita, explicando a matéria”.
Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar”.

Rubem Alves

V – A PRIMEIRA SÉRIE.

Ao ingressar na primeira série, tive dificuldades e repeti, fui colocada numa classe “especial”, denominação da classe de escola estadual para sala onde eram colocados os alunos repetentes e problemáticos, que eram rotulados e discriminados como “retardados”, que eram motivos de chacotas e brincadeiras no recreio, por parte das outras crianças. Não fiquei muito tempo nessa sala, mas foi uma experiência muito desagradável e marcante na minha fase escolar. Imagino como se sentiam essas crianças que permaneciam nessas salas. Hoje não existem mais, mas ainda existem os preconceitos e outras formas de discriminar, cor, raça, classe social, religião, gênero, deficiência física, mental entre outros, e que presencio cada vez mais cedo na escola e que são construídos historicamente pela própria sociedade. Todos esses preconceitos ainda estão presentes na escola, apesar da luta atual por uma escola inclusiva que garanta a qualidade de ensino a todos, respeitando a diversidade, as potencialidades e necessidades; segundo os estudos realizados nas disciplinas Educação Especial e Sexualidade Infantil.

A minha socialização, já era difícil, pois não tinha muitos amigos; minha infância foi dentro de casa com o irmão e alguns vizinhos e primos, e ficou ainda mais prejudicada após passar por essa sala e todos esses tipos de rotulações, retraindo-me ainda mais.

Após essa experiência, cursei normalmente o primário, as primeiras professoras foram marcantes, principalmente a professora Ana. Eu me espelhava no seu modo de vestir, andar, falar, no como para mim ela era inteligente. Adorava ser sua ajudante; me recordo do lanche que minha mãe preparava todos os dias, pois não dava para comprar na cantina. Às vezes minha mãe dava dinheiro e eu ficava super contente, lembro das brincadeiras no pátio, do uniforme branco e xadrez. Eu sempre fui uma aluna tímida e quieta, aplicada e

esforçada, do tipo que não dá trabalho, porém minha professora era bem tradicional, como todas da minha época escolar, transmissora dos conhecimentos e os alunos, meros receptores, usavam a famosa cartilha “Caminho Suave”, com pequenos textos fragmentados, sem significado e exercícios de prontidão, muito ditado, cópias em série, e etc, desconsiderando o nosso conhecimento prévio, bem como nossa vivência com o mundo da leitura e escrita fora da escola. Segundo Paulo Freire: “Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos lendo, bem ou mal, o mundo que nos cerca .”

Nós éramos treinados como soldados que eram comandados pelo professor, cuja função era formar os tijolos, alienados e submissos ao controle, para a construção da sociedade, “o muro”, segundo a concepção de “Durkheim”, estudado na disciplina de Sociologia. Essa alienação também se dava por parte do professor que também seguia ao comando de um superior, que ditava as regras a serem passadas, seguidas e obedecidas, para a formação social e moral de uma sociedade conservadora que impunha padronização e a uniformidade cultural.

A realidade que eu vivenciava na escola, não era muito diferente da que eu vivia em casa, pois minha família tinha a mesma postura, e principalmente o meu pai, era autoritário e detentor do saber. Apesar de não ter freqüentado a escola, como já mencionei anteriormente, ele sempre dizia que sua escola tinha sido a vida, era esta a educação que ele recebera de seu pai, era só obedecer e ponto final, era aproveitar a chance de estudar ou sair da escola.

Talvez isso explique a timidez e insegurança que até hoje tenho em me expor, no que a Universidade tem me ajudado bastante a superar.

As minhas brincadeiras eram de “escolinha”, como professora. Eu imitava até o pegar no giz pela professora pois, nos ditados na lousa, a professora nos fazia parar com o giz até quando ela voltasse a ditar. Se tirasse o giz da lousa era bronca na certa.

Era uma forma de castigar, pois nessa época os castigos físicos eram poucos, mas havia muitas situações constrangedoras como esta, que pude presenciar com algumas crianças.

Desta fase da minha vida me veio à mente o texto de Helen E. Ruchley, que trabalhei numa reunião de pais e que descrevia a história de uma criança, um menino que era muito criativo e ao entrar para a escola, a professora pediu para que desenhasse uma flor. Todo entusiasmado pegou seu lápis colorido e idealizou sua flor e as cores que usaria. Entretanto foi impedido pela professora, pois ela diria quando todos estivessem prontos para começar. Ao desenhar, a professora disse: - “Vou mostrar como se faz: flor vermelha com caule verde”. Não eram essas as cores que ele queria, gostava mais das suas, mas obedeceu e fez como a professora pediu.

Assim eram as aulas de desenho do garoto naquela escola, assim também como as de argila e as outras. Até que um dia ele mudou de escola e a outra professora pediu um desenho, ele esperou a professora mandar, mas ela não mandou, nem estipulou as cores, ela pediu para que ele desenhasse como quisesse, e assim ele desenhou: a flor vermelha com caule verde, pois a sua criatividade e liberdade de escolha haviam sido tolhidas, dando espaço somente à cópia robotizada e alienada que havia sido plantada pela outra professora. Isso demonstra o quanto nós somos marcantes para nossos alunos e o quanto podemos influenciar de forma positiva ou principalmente negativa, tirando-lhes a criatividade e a liberdade de escolha e expressão, transformando-os em meros copistas.

Infelizmente ainda nos deparamos com esse tipo de situação dentro da sala de aula. Estava presente na minha época escolar e está até hoje, talvez pela desinformação, falta de reflexão e formação, a alienação de alguns professores que preferem não enxergar o mundo de uma forma mais crítica, pelo medo ou comodismo perante às mudanças e necessidades do nosso cotidiano.

Nesta etapa da minha vida aos 10 anos, freqüentando a 4ª série, eu ajudava minha mãe, cuidando do meu único irmão mais novo; eu o levava na escola e trazia, ensinava as lições e cuidava dos filhos dos vizinhos.

Já dizia que gostaria de ser professora como as outras meninas dessa época, pois essa profissão era respeitada e almejada; diferente de hoje quando uma minoria quer ser professora, a maioria quer ser modelo, trabalhar na televisão, pois a mídia valoriza muito mais esse tipo de profissão. Como hoje a televisão assume em casa o papel da família e do professor, ela acaba influenciando de forma negativa os comportamentos, hábitos e a própria rotina de quem a assiste, não só crianças como adultos, desenvolvendo telespectadores levados pelo consumismo, individualismo, modismo e competitividade, por uma sociedade cada vez mais capitalista. Isso pude constatar e refletir de uma forma mais crítica na disciplina Tecnologia e Educação, assistindo ao filme Mera Coincidência, comprovando o quanto a tecnologia e a mídia têm o poder de criar situações de manipulações de opiniões, criando situações falsas para alcançar seus objetivos. A partir dessas reflexões realizadas nesta disciplina, passei a discutir e questionar mais com meus alunos sobre as notícias de jornal e de televisão, assim como discutir com os pais em reuniões o tipo de programação que os filhos assistem, principalmente os desenhos.

VI - O GINÁSIO.

Do ginásio, vieram marcas frustrantes. A menina tímida era gordinha e usava óculos, motivo de muitas brincadeiras e apelidos; continuava aplicada e estudiosa, tinha notas boas, mas o esteriótipo, o modelo físico de menina para essa fase da “adolescência” não era o meu. A aula de educação física era uma tortura, e acontecia em horário contrário ao de aula. Começava pela roupa, eu me sentia completamente excluída. Depois, nos jogos de competição e atividades de resistência, durante a escolha para os times eu sempre ficava por último. Isso eu sentia tanto por parte dos alunos como da professora que também reforçava tais atitudes. Sempre achei que essa marca era só minha, mas durante uma dinâmica na aula da disciplina de Educação Física neste último semestre da Faculdade, compartilhei de relatos idênticos ao meu. Nas discussões percebemos que, apesar de passarem os anos, ainda vivenciamos esse culto ao corpo, ao belo, ao perfeito, perante os olhos de uma sociedade capitalista que se apóia nos modismos e na mídia para influenciar e atingir seus objetivos, o que vem ao encontro das palavras de Pablo Gentili: “A inclusão da escola, mascara a exclusão social, entre outras exclusões invisíveis aos olhos”. Trabalhado na disciplina Educação Especial.

Confesso que ao iniciar nesse último semestre a disciplina Educação Física, logo me vieram à memória essas experiências infelizes, achei que iria passar por tudo aquilo novamente, mas, para minha surpresa, descobri que a Educação Física pode ser diferente, baseada no respeito, nas diferenças individuais, no lúdico e sem competitividade, no trabalho do corpo de uma forma geral e que isso depende da conscientização do professor, pois ser professor: “É um eterno exercício de se colocar no lugar do outro”, como disse a professora Eliana Ayoub durante uma palestra numa aula magna.

No ginásio (fundamental) comecei a trabalhar. O meu primeiro emprego foi como “babá”. Já sentia a necessidade de ganhar o meu “dinheirinho”, que não era muito, mas já dava para comprar minhas coisas.

Eu já sabia o que eu queria, realizar um sonho: cursar o magistério na escola Normal “Carlos Gomes”, escola pública respeitada e valorizada. Mas eu tinha consciência de que não era fácil conseguir, pois havia o vestibulinho, para a seleção de vagas, e, segundo o que se ouvia, os alunos que já cursavam essa escola já eram preparados para essa seleção, portanto as minhas chances eram poucas. Isso demonstrava ser esta uma escola seletista e exclusiva.

VII - O SEGUNDO GRAU E O MAGISTÉRIO.

Preparei-me, mas não consegui. Fiquei decepcionada e tive que cursar o primeiro ano colegial, primeiro ano do ensino médio. Muito insatisfeita não desisti, batalhei pelo meu sonho, até conseguir uma vaga no segundo ano, fiz adaptações de disciplinas, tive dificuldades no começo, pois já havia perdido algumas aulas. Fiz amigas, uma era especial, a de Márcia, que me auxiliou e apoiou, uma vez que ela também estava passando por um processo de adaptação, pois vinha do Rio de Janeiro, com sua família, e não conhecia nada aqui. Servimos de apoio uma para a outra e estudávamos juntas. Infelizmente seu pai teve que voltar para o Rio e não nos formamos juntas, mas continuamos nossa amizade por carta durante algum tempo.

Assim continuei o magistério, o estágio era do que eu mais gostava, principalmente nas escolas de Educação Infantil, pelo que percebia, me apaixonava a cada dia. Tinha a oportunidade de conhecer várias realidades, sentir de perto as práticas e ir contrapondo, na sala de aula, a teoria. Li alguns livros como: “Uma escola para o povo” de Maria Teresa Nidelkoff (1979), “A vida na escola e a escola da vida” de Claudius Ceccon, Miguel Darcy de Oliveira e Rosiska Darcy de Oliveira (1984), “A escola e a compreensão da realidade” de Maria Teresa Nidelkoff (1979), “O que é método Paulo Freire” de Carlos Rodrigues Brandão(1981), que me ajudaram como suporte e começava aí a conscientização do que é esta grande engrenagem que é a escola, e da nossa participação como componente importante para o seu funcionamento. Indicava-se, assim, o caminho da minha primeira etapa de formação.

No último ano já trabalhava em escola particular, escola de bairro, pequena, onde fui adquirindo as primeiras experiências práticas das quais gostava muito e me realizava.

Orgulhosa de mim mesma formei-me em 1987. Agora sou “Professora”, mas como nem tudo são rosas, vieram os espinhos, as dificuldades e desafios, como “As inquietações” de Miriam Celeste Martins:

[...] “ Autoritária?, Espontaneísta?, Democrática?,
Vejo-me rondando nas três concepções,
De uma educação que, ora não tem segredos,
Eu domino!
Ora me assusta
No confronto do que ainda não sei.”...

Como em qualquer tipo de profissão, percebi que precisava de mais conhecimentos e suportes através da “Universidade”. Mas em início de carreira e para adquirir experiência, só consegui emprego em escolas particulares pequenas, que pagavam muito pouco.

Os diretores destas escolas pequenas onde trabalhei exploravam e exigiam mais do que pagavam como salário, éramos mão de obra barata. Muitas professoras quase trabalhavam como voluntárias em troca de experiência, isso acabava gerando muita desmotivação e muitas chegavam a desistir da profissão, buscando outros rumos. Mas eu continuei batalhando, não desisti. Entretanto, não dava para pensar em pagar uma “Universidade”.

O tempo foi passando e as experiências de vida foram também os “meus professores”; escolinhas particulares várias, substituições no Estado, na Prefeitura, cursos de formação e palestras.

VIII - A ESCOLA (apresentado no seminário da disciplina Escola e Currículo).

A ESCOLA é...

O lugar onde se faz amigos,
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
Gente que trabalha, que estuda,
Que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
O aluno é gente.
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um
Se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
Que não tem amizade a ninguém,
Nada de ser como o tijolo que forma a parede,
Indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil
Estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos educar-se,
Ser feliz.

Paulo Freire

IX - O INGRESSO NA PREFEITURA DE CAMPINAS.

Prestei o concurso da Prefeitura em 1990 e passei, atuei como substituta durante dois anos, até me efetivar em 1993. Dois motivos de felicidade: a efetivação na Prefeitura e o meu casamento.

No decorrer desse tempo minha vida particular foi também se transformando, assim como a profissional. Mais experiências e aprendizagens de vida a cada ano vieram os dois filhos e a universidade foi ficando mais distante.

Passei por duas remoções e em 1995, comecei a trabalhar perto de casa, privilégio para poucos.

A LDB, passa a exigir a formação universitária dos professores, dando o prazo de até 2006. Eu como outras professoras ficamos muito preocupadas. Durante muito tempo este assunto nos tirou o sono e foi foco de discussões e reuniões, pois colocava em risco nossos empregos e as informações eram muito desencontradas e sem esclarecimento.

“Viva como se você fosse morrer amanhã”
“Aprenda como se você fosse viver para sempre”
Ghandhi

X - O CURSO PROESF NA UNICAMP.

Em 2002, a nossa “Unicamp”(digo “nossa” porque sempre estive perto em distância, mas muito distante no que se refere às oportunidades) em parceria com Campinas e as regiões Metropolitanas, iniciaram o projeto do curso “Proesf” que oportunizaria um curso de Pedagogia voltado para professores em exercício.

Eu acreditava que não tinha chance de entrar na Unicamp, mas incentivada pelo marido e apoiada por duas amigas, resolvi tentar o vestibular. As amigas me emprestaram material para estudo. Em uma semana, único espaço de tempo que tive nas férias de julho, procurei ler e me aprofundar ou relembrar, o mínimo possível.

Prestei o vestibular, que foi extremamente exaustivo e difícil. Saí da sala, conformada achando que não tinha conseguido, mas para a minha felicidade e surpresa, havia passado e o meu segundo sonho se realizara. Com satisfação passei a ser aluna da Unicamp, da primeira turma de um curso audacioso, inovador e sério, ministrado por profissionais comprometidos e orientados pelos mestres da Unicamp, que acreditaram e se responsabilizaram para garantir e validar um curso modelo.

Um curso que oportunizou que professores como eu pudessem voltar a estudar, aprofundar-se no embasamento teórico, preenchendo lacunas que o magistério e talvez a própria prática, não tenham conseguido preencher, favorecendo a rica troca de experiência entre professores de diferentes cidades e realidades, angústias, dificuldades e progressos,

favorecendo muitas reflexões e sobretudo o que eu acredito ser de vital importância, o elo de ligação entre a teoria e a prática, traçando caminhos mútuos de ajuda, nos levando a uma consciência crítica, reflexiva, transformadora no olhar a respeito dos fatos que nos cercam, sobre a nossa escola e sobre a nossa própria vida, nos dando aparato e segurança de que se não podemos mudar, pelo menos podemos lutar para melhorar.

A realização desse curso foi uma vitória, tanto para a Educação como para os Professores, pois ambos ganharam em conquistas, respeito, valorização e qualidade. Essa batalha, não foi nada fácil, principalmente no primeiro semestre, quando tivemos que dominar a tecnologia, o computador, muitas senhas na informática, na matrícula, a exigência de muitas leituras em casa, muitos trabalhos de final de semana, muitos seminários, muita dificuldade em me expor, medo de estar errada e fazer errado, mais afinidades com alguns assistentes pedagógicos do que com outros. Resistir foi preciso, poucas de nós desistiram, muitas enfrentaram triplas jornadas, abrindo mão da fome “física”, mas não da fome de “conhecimento”; do sono, lazer, e principalmente da família. Enfrentamos o descrédito, preconceitos e críticas, mas estamos saindo vitoriosas; pois estou certa de que a faculdade nos fez a diferença, mas nós também fizemos a diferença sendo a primeira turma, deixando nossa marca e contribuição na construção e realização deste curso e felizes por saber que outras turmas já trilham nossos passos, porém por caminhos menos tortuosos.

A universidade me ensinou a enxergar com outros olhos, caminhar por outros caminhos, buscar e seguir novos rumos, me reconstruir como pessoa e profissional. Hoje termino este curso não como entrei, mas como “me transformei”. Jamais serei como antes;

ainda há muito a caminhar, muito a estudar, aprender, buscar e se construir constantemente, num movimento contínuo de ir e vir, desenhar, colorir e descolorir.

Este memorial não é um fim, é sim o recomeço de uma outra história que ainda vai se construindo, espero que ainda por muitos e muitos anos, sempre com questionamentos: O que sou? Para que e para quem sou? Que tipo de escola eu tenho? Que tipo de escola eu quero? E sobretudo, Por quê?...

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem “**Conversas com quem gosta de ensinar**”. Editora Cortez, 1982 São Paulo, 3ª edição.

FREIRE, Paulo. In: Texto da Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria de Educação , Projeto : “ **Currículo em Construção** ”Campinas 1998

GENTILI, Pablo. Educação Especial: “**Múltiplas Leituras e Diferentes Significados**” . Shirley Silva e Marli Vizim (orgs.). – Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação da Leitura do Brasil – ALB, 2001. (Coleção Leituras no Brasil)

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998, 3v

ANEXOS:

ANEXO 1

A Pedra Arde – “Eduardo Galeano”

No povoado de Nevoeiro vivia um velho sozinho e só. A vida, ele a ganhava como guardador de pomares.

O velho viera de um lugar muito distante e nunca falava de sua vida.

Ninguém se atrevia a perguntar-lhe:

“Você sempre foi assim tão velho?” Nem tampouco:

“Você sempre foi assim tão feio?”.

Ele andava curvado e mancava de uma perna. Era muito branco e pouco cabelo na cabeça.

Uma cicatriz atravessava-lhe a face. Tinha um nariz torto e quando ria abria a janela entre os dentes de cima.

Em uma noite de outono, um menino chamado Carassuja saltou o muro de um pomar. Pensava roubar maçãs.

Carassuja não teve sorte, caiu sobre os espinhos de algumas plantas. Gritou.

O velho guardador não lhe lascou o chinelo no bumbum, nem foi contar para sua mãe. Nem o repreendeu. Balançou a cabeça, resmungou, limpou-lhe o arranhão dos braços e das pernas e acompanhou Carassuja até a porta de sua casa, sem dizer uma palavra sequer.

Poucos dias depois, Carassuja se perdeu num bosque. Caminhava e caminhava, e por mais que caminhasse não conseguia encontrar a saída, até que viu uma pedra brilhante.

Então Carassuja, que era um menino curioso, esfregou a pedra com um galho. Por fim, ele pôde ler estas palavras na pedra já limpa e brilhante:

“Jovem serás, se és velhinho, quebrando-me em pedacinhos”.

Carassuja que não era velho pensou: - Se quebro a pedra voltarei a ser bebê...E depois? Ah, não! Terei que começar a escola novamente!

Lembrou-se, então, do velho guardador de pomares, que havia sido bom para ele. Na manhã seguinte, Carassuja voltou ao bosque com o velho e falou-lhe da pedra.

O velho mirava a pedra com o rosto franzino e os olhos apertados. Não se mexia. Carassuja perguntou: - Não vai quebrar a pedra?

Vem, disse o velho, e pôs uma de suas mãos sobre o ombro de Carassuja.

- Eu sei o que você pensa e quero explicar. Sou velho, embora menos velho do que você acha, sou manco e estou desfigurado. Eu sei. Mas não pense que sou tonto.

E pela primeira vez, em tantos anos, o velho contou sua história.

-Estes dentes não caíram sozinhos. Foram arrancados à força. Esta cicatriz que marca meu rosto não vem de um acidente. Os pulmões... A perna...Quebrei a perna quando escapei da prisão ao saltar um muro alto. Há outras marcas mais, que você não pode ver.

-Se quebro a pedra, estas marcas somem. E elas são meus documentos, Compreende? Olho-me no espelho e digo: - Esse sou eu, e não sinto pena de mim. Lutei muito tempo. “A luta pela liberdade é uma luta que nunca acaba”. Ainda agora, há outras pessoas, lá longe, lutando como eu lutei. Mas minha terra e minha gente ainda não são livres, e eu não quero esquecer. Se quebro a pedra cometo uma traição.

Através do bosque, caminharam de volta ao povoado de Nevoeiro. Iam de mãos dadas.

O menino sentia que a mão quentinha do velho também aquecia a sua mão.

GALEANO, Eduardo. “**A Pedra Arde**”, SP: Loyola, 1983 (História Resumida e Adaptada).

ANEXO 2

O Pequeno menino

Helen E. Ruchley

Era uma vez um menino pequeno, que um dia foi para uma grande escola, e descobriu que podia ir para a sua sala, caminhando através da porta da rua.

A escola não parecia tão grande quanto antes. Uma manhã a professora pediu para que todos fizessem um desenho, ele gostou da idéia, pois adorava desenhar, leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos; pegou sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar, mas a professora pediu que parasse e esperasse quando todos estivessem prontos e ela diria a hora de começar, e ele esperou; a professora pediu que desenhassem flor.

Ele começou a desenhar sua flor de rosa, laranja e azul; mas a professora falou que iria mostrar como fazer, e desenhou “uma flor vermelha, com caule verde”, e assim todos deveriam desenhar igual.

O menininho olhou para a flor da professora e para a sua, gostava mais da sua, mas fez como a professora pediu.

Num outro dia, em uma aula ao ar livre, iria trabalhar com argila, ele adorou a idéia, podia fazer elefantes, camundongos, carros e caminhões, mas ao amassar sua argila novamente foi alertado para esperar a hora, a professora pediu que fizessem um prato; ele começou a fazer de diferentes formatos e tamanhos; mas a professora mostrou como era para ser feito, ele gostava mais do seu, mas não podia dizer isso, então amassou novamente e fez igual ao da professor. E muito cedo, ele não fazia mais coisas por si próprio.

Um dia sua família mudou de casa, em outra cidade e ele teve que mudar de escola. Esta escola era ainda maior que a outra, e não havia porta da rua para a sala, tinha que subir grandes degraus para a sala.

No primeiro dia, a outra professora pediu que fizessem um desenho, ele gostou, e esperou a professora dizer quando começar, mas ela não disse, apenas andou pela sala e lhe perguntou se não ia desenhar; ele perguntou o que ia desenhar, e ela lhe disse para desenhar

o que quisesse, pois se todos fizessem o mesmo desenho e usassem as mesmas cores, como ela saberia quem fez o que? E qual o desenho de cada um, assim ele desenhou:

“Flor vermelha, com caule verde”.

ANEXO 3

INQUIETAÇÕES: Miriam Celeste Martins

Zona Real ou Proximal?
Desenho ou Escrita?
Pode ou não pode?
Olho e não vejo. Afinal o rei está nu?
Ou finjo que não vejo a roupa?
Fico quieta maquinando com meus botões?
Ou ousar superar o medo e discordar e perguntar?

Joguei fora o que era velho
Longe da moda pedagógica
E hoje, dizem para rever posições...

Autoritária? Espontaneísta? Democrática?
Vejo-me rondando nas três concepções.
De uma educação que ora, não tem segredos.
(Eu domino!).
Ora me assusta no confronto do que ainda não sei.
Abismo...
Abismo de tantos teóricos que ainda não li.
(E nem sei se quero, ou terei tempo de ler).
Abismo de tantas práticas que já fiz.
E continuo fazendo, repetindo-as ou transformando-as.
Na dança das novas apostilas?

Afinal que educadora sou eu?
O que penso?
O que eu faço aqui?
Papel de técnica ou professora?
Exerço com autoridade?
Ou fujo?

Tento encontrar soluções? Alternativas?

Ou jogo a culpa em outro?

Compromisso ou obrigação?

Dou pouco, porque recebo um salário ridículo?

Com que estou compromissada?

Com a secretaria?

Com a direção?

Com a criança?

Ou comigo mesma?

Sei que preciso pensar.

Ir mais fundo.

Aprofundando idéias.

Resgatando a minha fala, que eu deixei que roubassem,

Quando aceitei, engoli e quando não ousei,

Quando não perguntei: Por quê?

Será que também roubo a fala do meu aluno?

Quando falo por ele.

Quando não leio o seu gesto,

Quando não dou espaço para a sua fala, seu desenho, seu jogo...

Quando não percebo o seu silêncio de medo.

Quando demonstro que não entendo o seu desenho.

Quando não escuto a sua pergunta: por quê?

Por quê?

Fonte: FREIRE, Madalena e outros – Avaliação e Planejamento. “**A prática educativa em questão**”, SP, Publicação do Espaço Pedagógico.